

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANCIONEIRO POPULAR DO BAI-

XO-ALEMTEJO

ORGANISADO POR

DIAS NUNES

(continuação)

CCXXXVI

Dormindo, contigo sonho;
Acórdio pensando em ti,
Desejava, amor, saber
Se isso te acontece a ti.

CCXXXVII

De meu bem os lindos olhos,
Aquelle engraçada bocca
Com o sorriso d'um anjo,
Faz andar minh'alma louca!

CCXXXVIII

Diz'-me, ladrão, p'ra que queres
Coisinhas tão pequeninas?
Tu, ladrão, que me roubasto
De meus olhos as meninas!

CCXXXIX

Desejava de saber
Onde a pena mais augmenta,
Se é no peito de quem fica,
Ou se é no de quem se ausenta.

CCXL

Desejava ter contigo
Mais alguma lidação...
Não atraza, nem augmenta,
A nossa namoraçãol

CCXLI

Da minha janella, rezo
À Senhora da Saude,
Que me tire do sentido
A quem eu quiz mas não pude.

CCXLII

Despedida, despedida,
Sabe Deus quem se despedel
Eu, por não ficar chorando,
Faço despedida alegre.

CCXLIII

Deixa vir o mez de Maio,
Que saiam as lagartixas...
Mette-lhe d'essas bem gordas,
A vêr se pegam as bichas.

CCXLIV

As moças da Porta-nova
Mataram um 'scarapão,
E as gulosas do Oiteiro
Comeram-n'o com feijão.

CCXLV

Amor, não fujas de mim,
Que não cômo gente viva...
Se me não queres amar,
Valha-te Deus! quem te obriga?

CCXLVI

Assim que te vi, pamei,
Deixei int'ressos de parte;
Ou feliz, ou infeliz,
O meu desejo é amar-te.

CCXLVII

Apalpei meu lado esquerdo,
Não achei meu coração;
Mas tive a feliz noticia
Que estava na tua mão.

CCXLVIII

Altos pinheiros ramudos
Que dão pinhas e pinhões.
Diante da tua vista
Faço render corações.

CCXLIX

Agora é que eu vou ontrando
Na rua da formosura:
Aqui não ha qu'escolher,
Cada qual namora a sua.

CCL

Açucena, flôr sombria,
Quiz-te amar, não tive arte;
Já lá tens novos amores,
Parabens da minha parte.

CCLI

Apalpei meu lado esquerdo,
Achei meu coração morto.
Olha, a tua saudade
Em que estado me tem postol

CCLII

A penna com que te escrevo
Não è de nenhum pavão;
E' creada e nascida
Dentro do meu coração.

CCLIII

A rosa, para ser rosa,
Deve ter pé e botão.
O amor, para ser firme,

Deve-se chamar João.

CCLIV

A rosa, para ser rosa
Deve ter botão e pé.
O amor, para ser firme,
Deve-se chamar José.

CCLV

Aqui tens a minha mão,
Renova teu juramento;
Saberás quem te ama firme
Agora e em todo o tempo.

CCLVI

A rosa, para ser rosa,
Deve andar no peito d'Anna:
Para cheirar ao domingo
Deve andar toda a semana.

CCLVII

Acredita o que te digo,
Não te importe mais ninguém;
Tenho-te tauta amizade
Como a tua mãe te tem.

CCLVIII

Á luz d'aquella candeia
Se arranjou meu *caemolho*.
O' candeia não te apagues,
Que o noivo è torto d'um olho.

CCLIX

Andem cá amores novos,
Que os velhos já esqueceram;
Foram penas que avoaram,
Folhas de papel que arderam.

CCLX

Atrevido pensamento,
Confidente do meu ser,
Não me tragas à memoria
Quem eu não desejo ver.

CCLXI

Antes que eu queira não posso
Negar-te a minha amizade:
Eu, n'este mundo, não tenho
De ninguém mais saudade.

CCLXII

Algum dia era,
Agora já não,
Da tua roseira
O melhor botão.

CCLXIII

A rosa depois de secca,
Foi-se queixar ao jardim;
Respondem-lhe as outras rosas;
«Tudo no mundo tem fim.»

CCLXIV

A saudade encoberta
E' um valle d'amargura,
Cantando choro o meu mal
Como quem não tem ventura.

CCLXV

Atraz de tempo vem tempo,
E o tempo tambem se muda...

Brada por quem te quiz bem,
Pódo ser qu'inda te acuda.

CCLXVI

A tua bocca é uma rosa,
Os dentes são as folhinhas;
As maçãs das tuas faces
São duas perolas finas.

CCLXVII

Amarelo è que eu quero,
Que o verde no campo nasce,
Não pensei que o meu amor
Tão depressa me deixasse.

CCLXVIII

A erva cresce no prado,
No jardim crescem as flores.
Assim cresce a *sympathia*
No coração dos amores.

CCLXIX

Ainda que te eu não visse
Sento uma vez no anno!
Seja o teu coração firme,
Que no meu não ha engano.

CCLXX

A mulher que bem se porta
A má lingua não receia.
Faça ella boa lettra,
Que atraz virá quem a leia.

CCLXXI

Ah! quantas vezes meu lenço
Limpado o teu rosto tem!
Vae-te, lenço venturoso,
Limpar o rosto a meu bem!

CCLXXII

Anda cá, não sejas tola,
Ninguém te quer mais do que eu.
Se choras por infeliz,
O desgraçado sou eu.

CCLXXIII

Acreditaste em enredos,
Enredos d'um impostor
Que nunca fallou verdade,—
Só em mentir foi auctor.

CCLXXIV

Aqui me tens a teu lado,
A's tuas disposições;
Vamos a unir, se queres,
Os nossos dois corações.

CCLXXV

Os olhos requerem olhos,
Os corações, corações;
Os meus requerem os teus
Em certas occasiões.

CCLXXVI

O' olhos da minha cara,
Já vos tenho reprehendido:
—Onde não forem chamados,
Não serem intromettidos.

CCLXXVII

O meu lindo amor

Tem olhos marôtos...
Que lhe hei-de eu fazer?
Se elle não tem outros!

CCLXXVIII

Os senhores que aqui 'stão,
Uns sentado', outros de pé,
Não vêm cá por balhar,
Veem só por darem fê.

CCLXXIX

O amor não precisa lingua
Quando se quer declarar;
Basta o torno mover d'olhos,
N'um momento respirar.

CCLXXX

Osol quando quer nascer,
Vinto e quatro raios bóta;
Contigo, são vinte e cinco,
Quando te assômas á porta.

CCLXXXI

O' rosa, nunca consintas
Que o cravo te ponha a mão;
Porque a rosa enxovlhada
Já não tem accoitação.

CCLXXXII

Os teus olhos são dois cravos,
As pestinas são as folhas,
E as sobranceiras... são laços,
Quando tu para mim olhas.

CCLXXXIII

Os olhos do meu amor
São dois peros verdiaes.
Que dão saude aos doentes,
Resuscitam os mortaes.

CCLXXXIV

Olhos, testa, nariz, bocca,
Tudo lindo meu bem tem.
Quatro feições mais galantes
Juro que as não tem ninguem.

CCLXXXV

O' que linda troca d'olhos
Que fizeram dois amantes!
Trocaram dois olhos pretos
Por dois azaes mais galantes.

CCLXXXVI

Olhos pretos e ramudos,
Ninguem os tem senão eu;
Agradeço-os ao meu pae
E á minha mãe, que m'os deu.

CCLXXXVII

O' olhos da minha cara,
Não olheis para ninguem;
Não quero na minha cara,
Olhos que offendam ninguem.

CCLXXXVIII

Desgraçada malva roxa,
A folha motte terror!
Todos dizem que te deixe;
Não quero, que és meu amor!

CCLXXXIX

Disso-me o dono da casa

(Assim eu tivera o ceu):
«Quem quiser aqui balhar
Ha-de tirar o chapéu.»

CCLXXI

Olhos que de vêr se animam,
São olhos muito animados;
Ou teem quem os anime,
Ou de seu são animados.

CCLXXII

Os olhos do meu amor
São duas peras n'um ramo,
Talhadinhos á thezeira,
Rasgados ao desengano.

CCLXXIII

Oh, mar largo! oh, mar largo!
Oh mar largo sem ter fundo!
Mais vale andar em mar largo,
Que andar nas boccas do mundo.

(continúa)



OS BAROMETROS DO CAMPO

Encontramos n'um jornal estrangeiro as seguintes curiosas indicações sobre a forma como os camponezes, que passam sem barometros, conhecem de antemão as variações do tempo:

Para a gente das aldeias as pombas são os melhores indicadores do tempo: quando ellas se postam no telhado de uma herdade, apresentando o papo para o levante, é signal seguro que choverá de noite.

Se recolhem tarde ao pombal e vão comer longe, na planicie, é signal de bom tempo.

Se recolhem cedo ao pombal ou se alimentam nos arredores da herdade, a chuva é imminente.

Os prognosticos das gallinhas não são menos certos. Quando ellas se rebotam na terra, eriçando as pennas, é signal de tempestade proxima e outro tanto indicam os patos quando mergulham na agua, batem as azas e se perseguem ale-

gremente.

Se, estando magnifico o tempo, o camponio vê a sua vacca lamber as paredes do estabulo, pôde apressar-se a recolher as forragens; a vacca lambe o salitre que a humidade da atmospherã faz apparecer na parede, e isto indica chuva para o dia seguinte.

Se as abelhas recolhem muito tempo antes do pôr do sol e com pouca colheita, indica chuva tambem, assim como os corvos quando despertam rôdo e grasnam mais do que de ordinario.

Quando os pardaes são madrugadores e cantam muito, é de esperar o bom tempo pela tarde.

Se as andorinhas vôam rastejando pela terra, não está longe a tempestade; porém, se se elevam desaparecendo nas nuvens, prognosticam bom tempo, assim como os rouxinoes se cantam claro de noite. Acontece o contrario quando as rãs realisam os seus concertos e quando as lavandiscas brincam à margem da agua.

Não são sò os animaes que indicam a mudança de tempo aos camponezes. Se, pela manhã, a folha da fouce, está secca, é bom signal; mas se está humida, indica chuva a corto praso.

Se a pelle da peneira do trigo está frouxa e se os feixes de trigo ou de aveia pesam mais que de costume, indicam igualmente chuva.

O rachador de lenha que vae ao monte consulta o seu machado e, se o encontra limpo e luzente, pôde esperar um bom dia; se está baço, ha que temer a chuva.

A lua é tambem um excellento

barometro: se está rodeada de um circulo pardo, indica chuva; se o circulo é avermelhado, vento; se branca, limpa e luminosa, bom tempo.



Vã buglar

E' hoje um insulto, uma phrase chula de má companhia, uma expressão que sò anda na bocca do vulgo; nada d'isso foi porém na sua origem.

Ao construir-se em Lisboa no tempo de Philippe II, o forte do Terreiro do Paço, foi preciso, em razão de ser mui lodoso o terreno, assentar-lhe os fundamentos em uma estacaria, que se tornava firme com um engenho a que chamavam bugio; era penoso trabalhar com elle, e para isso se agarravam todos os vadios e pessoas de obscura condição que se encontravam pelas ruas e praças, d'onde proveiu o mandar bugiar aquelles a quem se trata com pouca ou nenhuma consideração ou com quem ha intimas relações que auctorisem essa liberdade.



PORTUGUEZ VELHO

Origem de varias locuções adagios e anéxins

Amem. Dar os amens.

As formulas magicas da Chaldea, traduzidas para a linguagem assyrica, terminam sempre com a palavra *Amanu*, que entre os povos catholicos se identifica com a palavra *amen*.

(Continúa)